

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Especialização em Ensino de Geografia

A literatura de Lima Barreto: um recurso didático nas aulas de
Geografia

Ana Carolina Robles de Cara Ramos

São Paulo

2013

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Especialização em Ensino de Geografia

A literatura de Lima Barreto: um recurso didático nas aulas de
Geografia

Monografia apresentada ao curso de Especialização
em Ensino de Geografia da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo (PUC-SP) para obtenção do
certificado de conclusão do curso de especialização.

Orientador: Prof.^a Dra. Marta Scarpato

São Paulo

2013

Dedico este trabalho àqueles cuja vida me dedicou, que não poupou esforços para realizar meus sonhos, que sofreu por minhas angústias e vibrou por cada uma de minhas vitórias, ao meu maior exemplo de vida, garra e coragem, à quem considero simplesmente o melhor ser sobre a face da Terra, e diante da pequenez das palavras, só tenho a dizer

Te amo Mãe e Pai!!

Agradecimentos

Sou infinitamente grata a Deus por inúmeras realizações e conquistas ao longo da vida, por tudo o que sou, pelas experiências e aprendizados, sobretudo pela força na fase tão difícil que atravessei durante a realização do presente trabalho.

A professora e orientadora Marta Scarpato pelo apoio durante toda a execução do trabalho, desde a definição do tema até sua finalização.

A todos os professores cujas contribuições foram fundamentais para minha formação.

A todos os estimados amigos que me apoiaram e incentivaram para superar as dificuldades da trajetória acadêmica, sobretudo aos queridos Carlos Eduardo, Karina, Eva, Karen, Thamyris, Paulo, Tuanne, Aline, Magali Cristina, Adriana Gallão e Daisy.

Aos meus amados pais Marco e Cilmara por todo o amor, apoio e compreensão, não apenas durante esse trabalho, mas desde meu primeiro instante de vida, cujos exemplos e ensinamentos proporcionaram o que existe de melhor em meu ser.

A minha querida irmã Luiza pelo apoio.

A todos os meus mais sinceros agradecimentos.

Resumo

RAMOS, Ana Carolina Robles de Cara. *A literatura de Lima Barreto: um recurso didático nas aulas de Geografia*. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) - Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

A presente monografia tem como objetivo propor maneiras de diversificar as aulas de Geografia, despertando no estudante o interesse e aguçando seu olhar geográfico, para tal se optou pela utilização da literatura enquanto recurso didático pedagógico que aproxime o estudante à disciplina, precisamente a literatura de Lima Barreto na qual trata do imaginário social no Brasil que serviu para a formação de uma nova ideia de espaço urbano. Estruturada em três capítulos que se destinam a compreender a importância da literatura em sala de aula e como ela pode contribuir com o ensino da Geografia, compreender o contexto histórico social do Brasil na época, analisando e transformando o material produzido pelo autor em recursos didáticos pedagógicos para os mais diferentes conteúdos da disciplina geográfica.

Palavras chaves: Geografia; ensino; literatura; Lima Barreto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. RECURSOS DIDÁTICOS.....	10
1.1 Histórico dos Recursos Didáticos.....	12
1.2 Tipos de Recursos Didáticos.....	13
1.3 Recursos Didáticos na Geografia.....	14
2. A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE PARA APRENDER GEOGRAFIA.....	19
2.1 A Literatura como recurso didático no Ensino de Geografia.....	20
3. A LITERATURA DO LIMA BARRETO COMO POSSIBILIDADE PARA APRENDER.....	29
3.1 Sugestões de propostas práticas para aula de Geografia.....	32
3.2 Módulo 1(proposta prática): O subúrbio do Rio de Janeiro, sua população e seu modo de vida em Clara dos Anjos, do Lima Barreto.....	35
3.3 Módulo 2: O pensamento Geográfico na obra Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

Introdução

Este estudo apresenta reflexões sobre ensino em Geografia considerando em sua abordagem cultural o uso da Literatura nas aulas.

Ensinar Geografia significa aproximar os alunos da compreensão da realidade a partir das relações espaciais; assim, a construção de uma visão crítica pela ciência geográfica passa obrigatoriamente pelo ensino realizado através de múltiplas linguagens.

Enquanto professora, busco uma ação docente que traga o dia-a-dia dos alunos para a sala de aula, que supere a fragmentação e a mera transmissão do conhecimento, oportunizando-lhes múltiplas aprendizagens. Considero que na escola precisamos aprender a vida, refletindo e compreendendo nossa condição humana.

Por estes motivos, além de apreciar a literatura desde a adolescência estudei este tema que faz parte da minha prática há três anos onde utilizo a literatura como meio para atingir uma aprendizagem mais significativa dos meus alunos.

Atualmente, a educação escolar têm sido um dos problemas sociais mais crônicos para a sociedade brasileira, sendo resultado de inúmeras determinações. Entre os muitos aspectos abordados por nosso sistema conteudista de ensino, partindo desse problema, apresenta uma alternativa de ensino baseada em outra concepção de educação em outra metodologia que procura ensinar geografia por meio da literatura como um meio de abordagem que vise à formação crítica dos alunos e estimule a leitura.

O capítulo Um irá tratar sobre os recursos didáticos que tem por objetivo auxiliar o professor no processo ensino-aprendizagem, está será abordado o conceito de recursos didáticos, o histórico da utilização destes e os tipos de recursos, há uma infinidade de recursos didáticos, mas neste capítulo irei tratar especificamente dos recursos como o quadro negro, mural didático, retroprojeter, projetor de slides e lousa digital. Finalizando com os recursos didáticos usados nas aulas de geografia como globo terrestre em massa de modelar, perfil de solo e quebra-cabeça do Brasil Político.

O capítulo Dois irá tratar do uso da literatura no ensino de Geografia, nele será abordado a relação entre Geografia e Literatura compete pensar na Geografia como campo para o uso de múltiplas linguagens e rerepresentações espaciais. As práticas sociais, a problemática urbana, as diferentes identidades e os espaços de representação são questões referentes ao cotidiano e à percepção de mundo são questões acerca da vida são retratos da realidade humana. Literatura interpreta o mundo pelo simbólico, lida com o imaginário, atribui significados às coisas, pessoas, datas, espaços, é uma forma de representação elaborada pela ótica do autor e que irá se desdobrar em nova representação com o que apreende o leitor.

Ensinar Geografia com a Literatura às discussões se amplia enormemente porque na produção literária é possível encontrar descrições de lugares e relações geográficas que se travam nestes que nem sempre são encontrados em algumas pesquisas específicas, principalmente quando se tratam de momentos históricos, lugares e pessoas. São informações do texto literário de grande valia para a Geografia e que seu estudo pode ser ampliado nesta área específica do conhecimento e discutido de forma espacial e/ou territorial.

A Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação e que a relação da Geografia com a Literatura e com as artes tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura do espaço e da paisagem.

No nosso entender é possível aproximar a Geografia de disciplinas como a Literatura, a História, a Língua Portuguesa, as Ciências Naturais, a Sociologia a partir do uso de textos literários e das diferentes formas de expressão artística.

O objeto de estudo da geografia é o espaço geográfico, trata-se de um produto histórico construído a partir das relações entre a sociedade e a natureza. Assim, ele carrega as marcas das práticas sociais dos diferentes grupos que nele vivem, interagem e o constroem.

Transformando temas da vida e do cotidiano em possibilidade de compreensão do mundo, estaremos oportunizando momentos de aprendizagem em que se estabelecem ligações entre o que o aluno já sabia e a ampliação desses conhecimentos, incorporando os ao seu dia-a-dia.

A literatura, em qualquer de suas formas, seja cordel, poesia, narrativas, entre outras, tem a capacidade de despertar interesse, abrir horizontes, temperar a imaginação, desenvolver a dramatização, melhorar a escrita e a oralidade, facilitar as correlações temáticas e espaciais e ainda permiti trabalhar diversos valores que vem se perdendo na sociedade moderna, assim como dita os temas transversais, tudo isso aliado à realidade do aluno, seu espaço, seu meio, seu chão.

Dessa forma, cabe a nós, professores, a missão de permearmos o meio geográfico escolar com literatura, poesia, contos, prosas, além de músicas, imagens, charges, quadrinhos, teatros, entre outras linguagens, buscando eficiência na assimilação de conteúdos, de forma leve, lúdica e o mais aproximado possível da realidade socioeconômica e cultural local do aluno.

Por fim o capítulo Três irá tratar da aplicação prática do uso da literatura no ensino de Geografia utilizando as obras de Lima Barreto que são ambientados no Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX, momentos em que a cidade, então Capital Federal, recebe investimentos na intenção de consagrá-la como espaço de modernidade.

Lima Barreto nos remete em romances e artigos o quanto a construção de um imaginário social no Brasil serviu para a formação de uma nova ideia de espaço urbano: o Rio de Janeiro enquanto espaço de modernidade.

Os romances utilizados neste trabalho são Triste fim de Policarpo(2004) Quaresma e Clara dos Anjos(2005). O romance Triste fim de Policarpo Quaresma, escrito no prazo de dois meses e alguns dias como se fosse uma enxurrada de emoções, é publicado em folhetins do Jornal do Commercio em 1911 e considerado pela crítica o mais bem composto e equilibrado romance de Lima Barreto.

Em Clara dos Anjos, o anti-herói Cassi Jones, um conquista do suburbano, não se sentia à vontade no centro da Capital Federal. Ali, a cidade não era sua, o engolia, aquele não era o mundo que conhecia e dominava.

Aspectos das obras citadas podem ser utilizados durante as aulas de Geografia, para isso é proposto aplicações práticas usando trechos das obras associados aos conteúdos trabalhados.

Desse modo pretendo apresentar nesta pesquisa o uso da Literatura de Lima Barreto para as aulas de Geografia.

Capítulo 1

Recursos Didáticos

No momento que o professor prepara suas aulas a escolha de um recurso didático adequado é uma tarefa que requer conhecimentos, planejamento sobre eles para que isto auxilie á aprendizagem dos alunos.

Todo recurso didático usado pelo professor tem o intuito de auxiliar o processo ensino-aprendizagem dos conteúdos propostos, para SOUZA (2007, p.111), “Recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado, pelo professor, a seus alunos”.

Há uma infinidade de recursos que podem ser utilizados nesse processo para o desenvolvimento integral ¹do aluno que de fato o aluno aprenda e se desenvolva de todas as formas, saiba questionar e se colocar, torne-se um cidadão crítico e reflexivo e não um ouvinte passivo e inerte, porém, é preciso pensar num recurso mais adequado para que o aluno aprenda de forma mais efetiva.

Segundo SOUZA (2007),

“Utilizar recursos didáticos no processo de ensino- aprendizagem é importante para que o aluno assimile o conteúdo trabalhado, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora e habilidade de manusear objetos diversos que poderão ser utilizados pelo professor na aplicação de suas aulas”.

O uso de recursos didáticos deve ser um auxílio para que os alunos aprofundem, apliquem e produzam outros conhecimentos a partir deles. Para que isso ocorra é preciso dar significado ao conteúdo, mostrando ao aluno às possíveis aplicações práticas destes conteúdos no cotidiano.

Não há duvidas que o uso de recursos didáticos desempenha grande papel na aprendizagem, o professor deve levar em conta o tipo de aluno, contexto no qual a escola está inserida, e como e quais serão os recursos mais adequados para que se alcance a aprendizagem significativa.

¹ SCARPATO, M. Didática e desenvolvimento Integral.

Utilizar recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem é importante para facilitar a assimilação dos conteúdos trabalhados, mas o professor tem que ter os objetivos claros ao utilizá-los para que obtenha um resultado positivo na aprendizagem do aluno.

Apesar destes resultados positivos não são todos os professores que exploram estes recursos, segundo KRASILCHIK (apud ESCOLANO (2010), isso acontece por falta de confiança ou por comodismo por parte do professor, ele usa quase que exclusivamente o livro didático como recurso para as aulas.

CASTOLDI (2009, p. 685), afirma que, "... a maioria dos professores tem uma tendência em adotar métodos tradicionais de ensino, por medo de inovar ou mesmo pela inércia, a muito estabelecida, em nosso sistema educacional". Caracterizando uma dependência no uso do livro didático comprometendo a aprendizagem do aluno.

Para superar isso o professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didáticos com muita criatividade

"O uso de materiais didáticos no ensino escolar, deve ser sempre acompanhado de uma reflexão pedagógica quanto a sua verdadeira utilidade no processo de ensino e aprendizagem, para que se alcance o objetivo proposto. Não se pode perder em teorias, mas também não se deve utilizar qualquer recurso didático por si só sem objetivos claros". (SOUZA (2007, p.113).

O uso inadequado dos recursos didáticos resulta na inversão didática, ou seja, o material é visto como algo por si mesmo e não como instrumento que auxiliaria na aprendizagem dos alunos.

O uso do recurso didático deve facilitar o cumprimento da missão de ensinar. O professor deve realizar uma reflexão pedagógica quanto a sua verdadeira utilidade na aprendizagem, e ter ligação significativa para o aluno.

Segundo Karling (1991:237), os recursos didáticos atendem, em partes, os sentidos que é a porta de entrada das sensações que transformam as percepções que organizados e estruturados constituem a aprendizagem, daí a sua importância no ensino. Eles ajudam a comunicação, a compreensão e a estruturação da aprendizagem, eles têm a função importante no incentivo e no alcance dos objetivos.

1.1 Histórico dos Recursos Didáticos

Segundo Rutz (2008), os primeiros recursos didáticos foram criados na pré-história. A pedra-lascada foi o primeiro instrumento que servia de comunicação e ensinar os recursos de sobrevivência, além disso, os materiais encontrados na natureza eram utilizados para transmitir conhecimentos, os ensinados a sobreviver e proteger a comunidade.

Com o passar do tempo, o homem passou a utilizar o lúdico para ensinar antes mesmo do surgimento das escolas, os brinquedos criados tinham função educativa para preparar as crianças para a vida adulta. (FREITAS, 2007 p.21)

Na Antiguidade, surge a escrita, os primeiros livros usados como recursos didáticos de uso exclusivo do professor que os interpretava e transmitia os conhecimentos para os alunos que deveriam ser memorizados. Scheffer (1998), afirma que no Brasil os primeiros livros como recursos didáticos datam do período colonial que tinham o papel de alfabetizar preparando as pessoas para viver em sociedade ensinando higiene para evitar doenças.

Até o século XVI os ideais de aprendizagem que vigoravam eram da forma passiva, ou seja, da memorização de fórmulas, regras, conteúdos e verdades estabelecidas, cujo o uso de recursos didáticos eram desnecessários, os poucos utilizados como cartazes, figuras geométricas ou desenhos para facilitar a memorização dos alunos.

No século XVII, esse modelo de ensino foi bastante criticado por Comênio, ele acreditava que deveria ser apresentada a juventude às próprias coisas, ao invés das suas representações, ou seja, o ensino precisava ser vivenciado a partir de contextos reais de aprendizagem e não só dentro, mas como fora do ambiente formal.

Do século XVIII em diante as concepções de ensino-aprendizagem valorizaram as ideias de Comênio e as desenvolveram, preocupando-se não só com as experiências do mundo real, mas com a inserção do aluno nesse meio.

Já no século XIX, surge a importância do apelo visual e tátil, para a assimilação dos conteúdos pelas crianças. Por fim no século XX e XXI é possível perceber as proporções tomadas pelos recursos didáticos no âmbito da educação geral. Ressaltando, aqui, a tecnologia da educação.

1.2 Tipos de Recursos Didáticos

O quadro negro surge para auxiliar o professor, visto como recurso necessário para visualização da matéria. Freitas (2007) afirma que é um excelente recurso para comunicação. Outro recurso são os cartazes que segundo o mesmo autor é um recurso visual usado para transmitir diversas mensagens.

(...) uma sala de aula repleta de textos nas paredes mostra claramente que, naquele espaço, a leitura e a escrita são valorizadas. Da mesma forma, paredes que exibem desenhos e trabalhos dos alunos dão mostras de que sua produção é valorizada, ou melhor, que o aluno é valorizado! (FREITAS, 2007, p. 38).

O mural didático usado para colocar textos e desenhos que desperta o interesse dos alunos em relação ao conteúdo estudado, outro recurso é o álbum seriado usado para transmitir aos alunos o conteúdo de uma forma mais expositiva com figuras, textos e desenhos transmitindo os principais pontos sobre o conteúdo. (Freitas 2007, pág. 41)

Um recurso utilizado pelos educadores é o retroprojetor que gera uma motivação com relação ao conteúdo melhorando a compreensão dos alunos, sobre o uso deste recurso:

As transparências são um recurso visual que pode ser usado em todas as modalidades do ensino e áreas do currículo, podendo auxiliar na introdução, recapitulação, fixação e verificação dos conteúdos trabalhados. Facilita a concentração, mantendo a atenção e o interesse do estudante, mediando a construção do conhecimento.

(FREITAS, 2007, p. 35)

É necessário não apresentar as transparências por muito tempo e apontar as informações mais importantes nelas contidas. Este recurso ajuda o professor a substituir a lousa, facilita a exposição dos conteúdos e texto e imagens chamam atenção dos alunos. As transparências devem ser de fácil entendimento dos alunos para isso é necessário ter título, ideias centrais com textos curtos e letra legível e grande.

O projetor de slides usado como recurso didático para auxiliar o educador na sala de aula e para ajudar os alunos a compreenderem melhor o

conteúdo transmitido através das imagens, este recurso estimula a concentração dos alunos. Existem outros recursos audiovisuais que podem ser utilizados como DVD com vídeos que representam melhor o conteúdo, o computador é um recurso muito utilizado atualmente na apresentação dos conteúdos de forma mais dinâmica contendo textos, figuras e sons.

Um recurso atual é a lousa digital que facilita a aprendizagem, a interação com o professor e a motivação dos alunos, com ele o professor pode acessar a internet na sala de aula apresentando o conteúdo com imagens em tempo real de forma mais dinâmica. O professor pode salvar as aulas e compartilhar com os alunos.

Desta maneira percebe-se que a lousa digital veio para ajudar o professor e não substituí-lo, ela desperta nos alunos um interesse maior pelas aulas, proporcionando uma aprendizagem de forma mais efetiva e divertida. Com a lousa digital o professor pode criar imagens, exercícios interativos, reproduzir vídeos e debates.

Ao longo do tempo, as transformações pelos quais os recursos didáticos passaram, eles continuam ter uma grande importância no processo de ensino-aprendizagem, auxiliando os professores.

1.3 Recursos didáticos na Geografia

Utilizar recursos didáticos a fim de facilitar a aprendizagem é de suma importância nas aulas de Geografia. O professor tem como incumbência tentar fazer com que seus alunos consigam se relacionar com o espaço que eles habitam e transformam, porém, não é uma tarefa fácil porque nem sempre temos a nossa disposição os recursos didáticos necessários para demonstrar a complexidade que temos em relação à natureza e a sociedade.

Nas aulas de Geografia alguns conteúdos como cartografia, geologia, climatologia são necessários os recursos didáticos interativos para facilitar a compreensão dos mesmos, os alunos precisam ter um contato maior com a materialidade, principalmente para aprender conteúdos que necessitem de um maior grau de abstração. Neste momento o professor devem utilizar materiais como maquetes, globo terrestre, mapas, jogos, ou seja, explorando toda ludicidade presente.

Em aulas os professores podem trabalhar com recursos que desenvolvam a capacidade de construção e interpretação de assuntos relacionados a Geografia através de filmes, textos, músicas, peças de teatro, entre outros, independentes da faixa etária do aluno.

Se os recursos didáticos fossem utilizados de forma mais expressiva durante o processo ensino-aprendizagem da Geografia, os alunos teriam outra concepção sobre a disciplina, pois poderia se tornar mais atrativo porque iria superar a carga visual que a aprendizagem da Geografia necessita.

O Ensino de Geografia pauta-se em vertentes teóricas e metodológicas que enriquecem o processo ensino-aprendizagem dos conhecimentos geográficos. Segundo o parecer de Demo (1998. p.45) “A finalidade específica de todo material didático é abrir a cabeça, provocar a criatividade, mostrar pistas em termos de argumentação e raciocínio, instigar ao questionamento e à reconstrução.”

Diante disso acredita-se que o investimento em metodologias de Ensino, possa ser um aliado para despertar a aprendizagem e o interesse pela Geografia.

Quando se discute os recursos didáticos mediadores da aprendizagem da Geografia, deve-se atentar aos problemas que eles possam apresentar, como por exemplo, os livros didáticos que podem apresentar erros conceituais, cartográficos e entre outros. Sendo assim, o problema está no enfoque crítico que for dado ao conteúdo pelos professores. É recomendável que os professores analisem os materiais adotados e complementem-nos sempre que necessário.

Segundo Silva & Melo (2006; p.3) o Ensino de Geografia dinâmico através do uso de recursos didáticos dá maior significação aos conhecimentos geográficos trabalhados, no entanto

(...) o uso de recursos didáticos não devem ser vistos como um posicionamento pedagógico tecnicista, pois esta prática se efetiva enquanto alternativa de apoio ao trabalho teórico-metodológico do professor, contextualizando os conceitos geográficos que, muita das vezes, são abstratos e necessitam de uma “materialização” para que os alunos os compreendam.

O Ensino de Geografia tem sido um desafio ao professor em razão de problemas como falta de estrutura, criação de expectativas em relação ao

trabalho do docente, indisciplina e o desinteresse dos alunos, além das políticas educacionais descomprometidas com a educação.

A diversificação da prática pedagógica é uma possibilidade para o enfrentamento destes desafios usando os recursos didáticos disponíveis na escola ou construídos pelo professor conforme suas condições orçamentárias.

Segundo Silva & Melo (2005, p.1) a construção e o uso de recursos didáticos são importantes, porque

(...) fornece meios para tornar o ensino dos conceitos geográficos mais prazerosos e dinâmicos no processo de ensino-aprendizagem, portanto os kits didáticos buscam oferecer instrumentos para apoiar o professor em suas atividades pedagógicas, permitindo que seus alunos participem ativamente da construção de conhecimentos e que possam ser empregados na compreensão do mundo a sua volta. [E] (...) diante da necessidade de diversificação dos meios de ensino, o professor precisa usar de sua criatividade frente às situações que surgem no cotidiano de sua prática pedagógica, tentando superar os obstáculos (...).

Os recursos didáticos são instrumentos de apoio para romper a visão de uma disciplina monótona, então eles permitem um “redirecionamento” da Geografia para formação de um Ensino mais dinâmico, portanto a construção de kits didáticos e seu uso como recursos mediadores do processo ensino-aprendizagem são necessários nas aulas de Geografia.

Os recursos didáticos desenvolvidos nos Kits como o globo em massa de modelar oferece uma visão em miniatura da realidade tridimensional de nosso planeta, outros recursos que podem ser explorados pelo professor são as charges, recortes de jornais e revistas, imagens virtuais, maquetes, músicas, entre outros.

1.2.1 Globo Terrestre em Massa de Modelar

Devido a sua característica tridimensional, o globo possibilita a visualização da localização dos continentes e dos oceanos, permitindo o trabalho da questão da localização e a explicação da gravidade terrestre (justificando a permanência dos corpos ligados a terra).

A imagem tem grande importância no desenvolvimento de um ensino dinâmico e dialógico para a Geografia, e as imagens no contexto atual, falam mais que as palavras, sendo assim, “(...) *Nem é preciso falar sobre a forma da*

Terra: basta mostrar um globo terrestre, ou uma foto da Terra, vista do espaço.” (KAERCHER. 2003. p.67).

1.2.2 Perfil de Solo

Segundo Lepsch (2002) perfil de solo é definido como “O conjunto de horizontes, num corte vertical que vai da superfície até o material semelhante [rocha intemperizada] ao que origem deu ao solo, (...).”

O perfil construído tomou como base à aparência de um perfil de Latossolo vermelho-amarelo, típico das regiões de cerrado. Quando se constrói um perfil de solo, a visualização pode ser associada aos recortes das estradas, visando um enfoque à percepção do estudante.

O perfil de solos podem auxiliar na visualização das camadas dos mais variados tipos de solos, caso o professor tenha espaço ele pode realizar experiências para demonstrar situações como escoamento superficial, a infiltração, desmoronamentos de encostas, entre outros.

Este recurso tem muitas outras aplicações, cabe ao professor decidir qual enfoque será dado aos seu trabalho.

1.2.3 Quebra-Cabeça do Brasil Político

O quebra-cabeça do Brasil Político pode ser usado por pessoas com deficiência visual e visão subnormal, pois permite o contato facilitando o conhecimento das divisões regionais brasileiras e também das dimensões territoriais.

Este recurso didático pode ser usado nas aulas de Cartografia, Regionalização Brasileira e sua territorialidade, estudo da economia de cada região, desigualdades sociais regionais, e assim promovendo questionamentos e discussões incentivando á pesquisa pelos alunos.

Ele também colabora para conhecimento tátil das divisões estaduais, por meio desta brincadeira os alunos podem perceber as dimensões de cada parte que compõe o Brasil de maneira lúdica, pois os alunos aprendem usando vários sentidos, principalmente tocando objetos, assim como GARDNER (1995)

nos apresenta existem muitas inteligências nas pessoas o que justifica as várias maneiras que a aprendizagem pode ocorrer.

Portanto, o uso de recursos didáticos permite contextualizar os conhecimentos geográficos, aliando a teoria à prática, pois a abstração dificulta a compreensão e concepção de conceitos espaciais para os estudantes.

Por isso defende-se o uso de recursos didáticos diversificados para a concretização dos conhecimentos geográficos, tornando palpáveis as compreensões dos alunos resultando na efetivação do Ensino de Geografia como um processo significativo á formação de alunos conscientes de suas capacidades transformadoras.

Capítulo 2

A literatura como possibilidade para aprender Geografia

Ensinar Geografia significa aproximar os alunos da compreensão da realidade a partir das relações espaciais; assim, a construção de uma visão crítica passa obrigatoriamente pelo ensino realizado através de múltiplas linguagens.

A Geografia, para além da narrativa espacial, tem sua responsabilidade iniciada no processo de formação da humanidade por meio da Geografia Escolar, em outras palavras, ensinar Geografia significa segundo Callai (2010, p.16): “[...] desenvolver modos de pensar que envolvam a dimensão espacial.”

Ensinar Geografia, portanto, significa possibilitar a compreensão dos múltiplos aspectos da vida cotidiana, aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos.

O ensino de Geografia tem como objetivo central colaborar para a formação da humanidade nos sujeitos através da interiorização de práticas que possibilitem a orientação social a partir de valores éticos e solidários para o convívio cotidiano na organização da espacialidade.

Para isso é fundamental o desenvolvimento de metodologias capazes de fomentarem o conhecimento geográfico e conduzirem os sujeitos ao pensamento crítico em todas as dimensões: no pensar e no cotidiano prático.

Diante disso, a utilização da literatura no ensino de geografia é de grande importância e relevância, uma vez que permite a compreensão da espacialidade como totalidade a partir do entendimento dos valores sociais e da instrumentalização crítica à organização social, política, econômica e cultural.

O processo ensino-aprendizagem a partir da Geografia e da Literatura permite a interdisciplinaridade contribuinte para que os alunos tenham ampla compreensão das relações sociais, históricas e geográficas, também se soma a ampliação da capacidade crítica a partir de outra linguagem; assim, as categorias da representação geográfica (MOREIRA, 1987) relacionado como a literatura permitem a ampliação da compreensão do espaço cotidiano pelos alunos.

Portanto este capítulo tratará sobre a ideia de que a produção literária é uma possibilidade de representação espacial pode aproximar a Geografia da Literatura.

2.1 A Literatura como recurso didático no Ensino de Geografia

No mundo complexo e interligado em que vivemos novas informações nos chegam e nos fazem mudar de planos e conviver com incertezas, nesse contexto temos que estabelecer um diálogo com o mundo através de propostas que desafiem os alunos a ler, escrever e a dizer em as suas palavras estabelecendo ligações entre os saberes.

Para isso o professor deve possibilitar um pensamento não fragmentado, nesse sentido, a geografia se coloca como campo de saber que pode estabelecer um exercício de reflexão e análise da sociedade dando oportunidade para momentos de aprendizagem em que se estabelecem ligações entre o que o aluno já sabia e a ampliação desses conhecimentos incorporando-os no seu dia-a-dia.

A prática pedagógica implica em diferentes maneiras de se relacionar com a realidade, é nessa perspectiva que pode-se inserir o uso da literatura no ensino de Geografia.

O uso da literatura na geografia pode conduzir o leitor a lugares porque produz conhecimento de forma lúdica e a Geografia compreendida como prática e discurso podem ser enriquecidos com o uso da literatura.

A leitura e interpretação de obras literárias permitem fazer um recorte das espacialidades e territorialidades como espaço, território, região, lugar, ambiente.

Mas o interesse em discutir os espaço pensado e o real pressupõe a análise numa narrativa ficcional, uma vez que a literatura é uma representação do espaço real. No ambiente escolar é possível construir diversas atividades a partir da discussão de diversos textos literários conforme o pensamento geográfico e literário adotado pelo professor.

A Geografia Crítica e a Geografia Humanística, a partir de 1980, oferecem possibilidades da integração entre geografia e literatura na criação de textos, a Geografia Crítica denuncia e analisa as desigualdades e contradições

sociais que ocupam o território brasileiro, sendo assim o uso de romances modernistas e realistas do regionalismo brasileiro apropriados.

A linha da geografia que é centrada nas relações com o lugar levam os alunos a pensar o lugar e o espaço a partir de seu cotidiano e de sua percepção em relação ao mundo vivido, e a literatura pode contribuir para esta construção através da descrição de diferentes espaços nas obras.

Um dos primeiros geógrafos que relacionou geografia e literatura foi Tuan tratar do espaço como um lugar de vínculo afetivo e o território como local de domínio e poder, nos apresentou que não existe paisagem, território, lugar, e sim a emoção com que o homem se relaciona com uma escala do espaço que faz dele um lugar humano por sentidos individualizados de pertencimento e segurança; ou um território com áreas de fronteiras marcadas pela posse, defesa e preservação. (TUAN, 1976)

Em relação à literatura, a importância é transcrever as experiências dos autores das obras literárias tem com o lugar dando conta dos aspectos objetivos e subjetivos da realidade. Percebe-se quando a literatura aborda o espaço, lugar, ambiente e natureza, ela apresenta como eles são vistos pelo homem ao desenrolar de toda trama, Monteiro (2002) trata sobre o espaço artístico de um escritor dando limites estreitos do espaço geográfico, define trama como a condição humana que pertence ao espaço e o mapa onde se desenvolve a ação de toda trama criada pelo escritor.

Segundo ele,

O próprio sustentáculo dessa concepção aparentemente estranha (ou anticientífica), advinda daquilo que se atribui à 'revelação literária' é a natureza holística identificável quando a literatura atinge os foros de 'universalidade', ou seja, quando ela transcende a um caso particular, de uma dada região-fisicamente varia- para falar da 'condição humana'-basicamente uma. (MONTEIRO, 2002:15)

A literatura é uma representação do real tem a função de formar o ser humano exprimindo realidades que a ideologia dominante tenta esconder. Conforme Tuan (1976), um exemplo desta questão é um fragmento do livro Vidas Secas do autor Graciliano Ramos (1938, Vidas Secas) em que o Fabiano como muitos dos retirantes do nordeste miserável e desolador da década de 40 em que o espaço é um caminho no qual o homem vai realizando suas pausas que as tornam lugares, cada um com significado segundo as emoções e

sentimento de pertencimento, a partir disto derivam o espaço ilimitado aberto e o lugar restrito.

Ao mediar o real e o texto literário por meio da Geografia e da Literatura Monteiro pontua que:

a importância conferida á trama liga-se ao fato de que ela é aquilo que, em seu dinamismo, representa a 'condição humana'. A sua comunicação, o seu 'tomar vida', requer, forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um 'palco'- praticável, concreto- em que qualquer trama 'humana' está envolta nas malhas de diferentes espaços relacionais: social, político, econômico, cultural enfim. Para melhor estabelecer os termos da relação Geografia- Literatura partindo deste valioso subsídio, acho que toda a urdidura complexa da ação romanesca- a 'trama'- proposta pelo escritor, malgrado pelo dinamismo, pode vir a ser projetada nas malhas de uma estrutura espacial, figurativamente estática- o 'mapa'- percebido pelo geógrafo. (MONTEIRO, 2002:24-25)

Essa afirmação trata o caminho adotado para estabelecer a relação entre Geografia e Literatura, pois se discute o espaço presente no romance, outros elementos foram valorizados como foco narrativo, tempo, discurso, porque não há como separar o espaço do desenvolvimento do enredo e da construção de sentidos.

As concepções de Moraes (1998) ilustram a relação entre Literatura e Geografia, para ele o discurso geográfico presente na literatura no que tange o espaço, categoria central da geografia, está presente em diversos textos literários.

Lins (1976) ressalta que o espaço possui várias funções como caracterizar o personagem e outros elementos exteriores a ele (bairro ou situação geográfica). Ainda considera o espaço no romance como:

(...) tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pelo personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com sua individualidade tendendo para zero. (LINS, 1976:72)

Ele nos coloca que a compreensão do espaço no romance linear tende a funcionar com pano de fundo estático, fora das personagens.

A noção de espaço incorpora a materialização da ação humana, mas não se confunde com o homem ou com a sociedade. Em uma das perspectivas teórico-metodológicas da Geografia. Com base no materialismo histórico e dialético, seu objeto é a relação entre espaço e sociedade, daí a necessidade

da leitura mais teórica e metodológica das possibilidades da relação entre Geografia e Literatura. Em alguns textos, o espaço tem sido abstraído no processo narrativo, com simples condição passiva da ação, em outros textos o espaço se torna um componente essencial.

A proposta de Brosseau (1996) é a compreensão do espaço no texto a partir do diálogo, tratando o romance como sujeito, visto que o diálogo só pode ocorrer entre dois sujeitos.

Monteiro (2002) analisa o espaço observando a condição de vida e a situação através da história, para que a literatura não substitua a geografia, mas complementa o sentido do que mostra a realidade. A partir dele compreende-se que o leitor irá confrontar a leitura com as concepções espaciais que possui, conforme suas vivências e experiências, construindo seu próprio texto geográfico, afinal não tem como estabelecer uma correspondência exata entre a paisagem real e o romance, uma vez que ele é uma representação do real. Porém, para Henriques:

É uma verdade parcial porque sendo produzida necessariamente por um autor se encontra sempre afetada pelas prioridades que definem o seu ponto de vista e pelo quadro contextual em que o mesmo autor está inserido, isto significa dizer que as representações partem não só do campo de referência extratextual, ou seja, dos dados do mundo real, mas também de um campo de referência intertextual que no fundo diz respeito ao contexto produzido por outros textos.
(HENRIQUES, 1996, p.51)

A Literatura amplia a percepção de mundo, sendo um instrumento útil no processo de construção de conhecimento acerca do espaço, território, paisagem e a capacidade de percepção do aluno.

Ver e pensar de certa forma resume o processo de construção do conhecimento em Geografia, o qual passa a descrição da paisagem que é o plano sensível da Geografia, o que vem com a intervenção do conceito (MOREIRA, 1992).

Na Geografia escolar não é possível se prender sempre a uma mesma sequência de capítulos usando os livros didáticos, para que não se reduza a aprendizagem na questão de localização, astronomia, relevo, clima, vegetação, população, agricultura, indústria, cidades, transportes e comércio, mas sim como as sociedades estão geograficamente organizadas (MOREIRA, 1987).

Nesta perspectiva, a Literatura auxilia nesta compreensão porque ela registra, documenta, contextualiza o momento histórico, social, econômico e cultural da época em que a obra foi escrita complementando a aprendizagem dos conteúdos.

O objetivo de trabalhar a literatura no ensino de Geografia é mostrar para os alunos as relações existentes na sociedade por meio de um gênero fantástico que estão presentes em nosso cotidiano porque a literatura pode expressar é um dado a mais de nossa realidade.

A literatura é fonte de prazer e um modo de conhecer o mundo, através dela os alunos podem conhecer a vida, os pensamentos e a cultura relatado na obra.

A compreensão do texto literário torna-se possível pela quantidade e pelo aprofundamento de informações sobre o contexto em que se dá a trama vivida pelos personagens.

A literatura tem acompanhado a humanidade, muito se encontra nela como elementos que nos conduzem os universos de pensamento e a dimensões da existência humana e a Geografia há muito tempo tem chamado a atenção para a literatura porque ela não se limita á descrição de um lugar ou uma paisagem, e sim uma organização capaz de expressar o pensamento e os sentimentos das pessoas que vivem neste espaço e nesta paisagem através de um discurso literário.

De fato, a reflexão teórica sobre a relação entre geografia e literatura tem se desenvolvido significativamente, a literatura é portadora de uma geograficidade, é uma relação fundamentada na categoria do espaço, paisagem, território e região. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, no volume sobre Geografia (Brasil, 1998a) ressalta o uso da literatura como fonte de informação desenvolvendo a competência e a habilidade relativas ao estudo literário, às formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.

Essa abordagem como ferramenta de trabalho valoriza o saber geográfico construída de formas diferenciadas em contextos culturais diversos, como ocorre nas leituras de paisagens encontradas na literatura regional.

A literatura é uma forma de apreensão da geografia porque nela todos os personagens nas histórias relatadas inserem-se em um espaço, mesmo que imaginário.

O espaço é um elemento fundamental da existência, sendo transformado para que a vida possa acontecer, portanto, ao relacionar as informações do texto literário com os conteúdos da geografia os alunos compreendem melhor o mundo.

O ensino de Geografia a partir da relação interdisciplinar com a literatura promove a superação de uma educação estática, segundo Castellar (2010, p. 39):

“Um dos desafios colocados para os professores nos dias de hoje está em superar os vícios de uma educação estática, inerte e ineficaz, investindo em uma educação com mais qualidade e criatividade”.

Os desafios da interdisciplinaridade Geografia e Literatura residem principalmente na relação realidade-ficção, uma vez que a narrativa literária não precisa ser fiel aos aspectos reais do cotidiano, enquanto a Geografia busca a compreensão da realidade.

O equilíbrio é fundamental para o desenvolvimento do trabalho; assim, é fundamental compreendermos os limites de cada linguagem e elaborar um conjunto metodológico que possa servir de base para o processo ensino-aprendizagem.

A interdisciplinaridade entre geografia e literatura colabora na aprendizagem da totalidade espacial do aluno para seu cotidiano, ao mesmo tempo em que promove a leitura da dimensão espacial na relação ficcional-real; assim, a contribuição deste processo interdisciplinar colaborará para o entendimento do processo histórico e geográfico através da literatura.

Portanto, torna-se fundamental a verificação cultural e a delimitação desta no processo ensino-aprendizagem pela interdisciplinaridade.

Para isso a relação ensino de Geografia e literatura deverá ser realizada a partir de articulações escalares entre a produção dos discursos literários e os postulados científicos geográficos; assim, analisar obras literárias e construir um caminho metodológico didático é fundamental para o fortalecimento de uma visão comprometida com a totalidade, ou seja, uma visão crítica de mundo.

Cândido (2005) afirma que o processo de estudo de uma obra literária não pode ser realizado apenas pelos elementos literários, a compreensão do contexto histórico e geográfico é imprescindível. As experiências reveladas na leitura das obras somente existirão na correspondência simbólica dos sujeitos, torna-se realidade aquilo que pode ser compreendido fenomenicamente.

Não basta, porém, entregarmos um livro nas mãos de alunos e fazer com que eles leiam. É preciso que passemos por etapas, que vão desde a escolha de uma literatura até o objetivo a que o professor quer atingir. Segundo MIRANDA (1986) existe três etapas pelas quais o professor deve passar durante a introdução de um livro em sala de aula e que envolve, primeiramente, a escolha de um título e de um conteúdo que possuam coerência com a matéria a ser dada aos alunos. Numa segunda etapa, que provém do acompanhamento da leitura pelo professor, e ainda num terceiro passo, que constituiria numa exploração no conteúdo do livro.

Devemos considerar, então, o quanto é importante o uso de obras literárias para o ensino de Geografia. Em uma aula dessa disciplina, pode-se recorrer ao universo de formas de expressão da literatura (romances, contos, novelas, poesias etc.) para se obter um processo de ensino-aprendizagem mais interdisciplinar e criativo. Tal método alimentará o interesse do aluno pelos assuntos, proporcionando reflexão e análise dos mesmos.

O autor pode representar o espaço geográfico a partir da sua relação com o lugar (espaço vivido), sendo que o leitor ao apreciar a obra, também constrói outra forma de representação da vivência a partir da sua interpretação pelo autor da obra. O discurso da literatura é uma forma de apreender o real, e o romance é, também, um meio de representação do real. Logo, tais representações são grandes subsídios para a aprendizagem do aluno.

Podemos perceber, então, o quanto as expressões artísticas são valiosas no processo de ensino-aprendizagem, inclusive a literatura.

A Geografia e a Literatura, esferas do saber humano nos proporcionam desvendar aspectos do relacionamento entre o ser humano e o espaço. Com isso, amplia nosso olhar a respeito das transformações sócio espaciais que ocorreram ao longo da história.

Assim, a discussão da Literatura se constituir em subsídio para o ensino-aprendizagem de Geografia, contribui para o enriquecimento do pensamento geográfico.

Tendo a Literatura como mediação, almejamos um novo tipo de geografia na sala de aula, na qual se tome como norte à prática sócio-espacial dos sujeitos com os quais se lida não uma simplificação grosseira tão corrente em leituras idealizadas.

A relação entre Geografia e Literatura não precisa permanecer somente sob o âmbito do ensino da disciplina (das salas de aula) podendo inserir-se em pesquisas acadêmicas, o que já está sendo feito. A geograficidade da literatura é tão presente em diversas obras que podem ser geradas inúmeras pesquisas inclusive, o que pode ser considerado de urgência, uma discussão teórica, conceitual e metodológica para tais pesquisas. Assim, de uma vez por todas a literatura deixa de ser apenas ilustrativa nos trabalhos acadêmicos de outras áreas.

Para além da discussão de identidade cultural, a Literatura por não ser uma área do conhecimento neutra (como se acreditavam que eram as ciências no passado), também representa e reflete questionamentos sociais.

O encantamento que a literatura provoca, nesse entrecruzamento de olhares e sensações com a geografia, pode construir compreensões sobre a complexidade da vida e as práticas sociais, através de modos de pensar abertos e livres que contribuem para enfrentar os desafios de nossa época. Assim, a literatura mostra-se como possibilidade para apreender as condutas humanas e são, portanto, nossas aliadas para ensinar geografia.

Nas redes de ensino no Brasil, tanto pública quanto particular, ainda é raro que as escolas adotem novas metodologias. Desenvolver no aluno, vínculos com a Literatura, em qualquer de seus modelos literários, pode reorientá-lo para perspectivas futuras em relação ao conhecimento.

Obras literárias que envolvam, por exemplo, aspectos culturais das regiões podem fortalecer o processo de ensino-aprendizagem e a valorização da cultura local.

A literatura é totalmente capaz de exaltar tais aspectos culturais, assim como pode servir de fonte de inspiração à paisagem geográfica, portanto, uma análise geográfica do poema é relevante para o estudo literário. Da mesma

forma, a representação que os poetas fizeram desta paisagem geográfica traz elementos novos para o estudo geográfico. São duas leituras que se complementam, com a literatura traduzindo o essencial das relações homem e espaço e a geografia subsidiando a interpretação dos textos literários que abordam o espaço trabalhado no contexto do aluno.

As alternativas de transposição dos múltiplos conhecimentos trazidos para o contexto escolar passam a ser um recurso didático-pedagógico nas salas de aulas de relevância tal que, em alguns casos, parecem transformar as atividades desenvolvidas pelo professor/geógrafo com seus alunos em prazeres e vivências fantásticas.

Quem escreve um texto, escreve de algum lugar e por alguma razão, portanto traz algo de sua realidade, está inserida em um contexto. Assim, “aprendendo a ler”, o aluno passará a perceber esses contextos evidenciando-os através de instrumentos do seu cotidiano. Dessa forma, será possível entender o mundo que o cerca, a dinâmica sócio-política, os conflitos, as mudanças, entre outras questões.

A educação deve ser priorizada e valorizada como fator importante na construção da sociedade que se encontra em constante transformação, e porque não acompanhar essas transformações também no âmbito escolar? O “tradicionalismo militar” precisa ser expulso dos meios escolares, abrindo espaço para a valorização dos diversos ambientes de aprendizagem e metodologias inovadoras.

A literatura é, então, um grande apoio, já que através de suas representações permite ao aluno fazer interpretações subjetivas, nas quais podem expressar suas compreensões sobre diversos assuntos de maneira mais rica e espontânea. Há uma maior interação entre o aluno e o professor e destes com o conteúdo a ser apresentado.

Capítulo3

A literatura do Lima Barreto como uma possibilidade para aprender Geografia

Os romances do escritor Lima Barreto são ambientados no Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX, momentos em que a cidade recebia investimentos na intenção de consagrá-la como espaço de modernidade.

O momento era o de construção de um imaginário social acerca do país, em suas obras há uma exaltação do nacionalismo e crítica ao próprio processo de consolidação de uma política nacional conforme os valores europeus.

Lima Barreto usou a escrita para representar o cotidiano acerca da percepção dos aspectos da modernidade o que pode ser utilizado durante as aulas de Geografia como será apresentado neste capítulo.

Pensar numa relação entre Geografia e Literatura compete pensar na Geografia como um campo de várias possibilidades de leitura espacial e de representações diversificadas.

As questões sociais, os problemas urbanos, as diferentes identidades e os espaços são questões referentes ao cotidiano que aparecem na Literatura que interpreta o mundo pelo simbólico e lida com o imaginário.

A Literatura atribui significado às coisas, pessoas, datas, espaços, é uma forma de representação elaborada pelo autor resultado de uma interação de várias vivências. (BASTOS, 1998)

Assim, percebemos que geógrafos e escritores têm pontos em comum relativos á natureza das percepções, experiências com o espaço e sentido de lugar elaborando reflexões acerca de seu tempo-espaço.

A temática do espaço urbano do Rio de Janeiro é investigada sob inúmeras possibilidades, inclusive por Lima Barreto que nos remete em romances e artigos o quanto a construção de um imaginário social que serviu para formação de uma nova ideia de espaço urbano: o Rio de Janeiro enquanto espaço de modernidade.

É a percepção de Lima Barreto que conduz ao Rio de Janeiro vivido por ele expondo características da organização sócio-espacial carioca. A cidade moderna é o que se projetava para o Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX

período relatado nas suas obras, que por meio da ação do capital, tem pontos para receber os investimentos para gerar um espaço moderno.

Neste período o Rio de Janeiro vivia uma fase de aceleração era um sinal do que iríamos viver no século XX e o que Harvey (1992) identificaria anos depois como a compreensão do tempo-espaço, ou seja, uma aceleração dos tempos de giro do capital que traz como consequências novas formas de pensar, sentir e agir.

Os aspectos da modernidade e da dinâmica do espaço estão presentes nas obras de Lima Barreto, suas referências desse processo de modernização das ruas do centro da cidade estão descritas nos hábitos e na cultura popular que sofreu influência, como os transportes modernos que ligavam os bairros trazendo uma nova dinâmica espacial para zona sul da cidade que concentrou os investimentos criando uma cidade moderna.

Nesse momento, quase tudo que se escrevia no Brasil era sobre o Rio de Janeiro um desses escritores era Lima Barreto que reuniu características de uma produção crítica movido pela ideia de realizar uma literatura militante, de denúncia e de mobilidade social, ou seja, uma literatura de cunho realista.

Suas obras estão voltadas para as transformações que implementaram um novo ritmo ao Rio de Janeiro contribuindo para a construção de um imaginário da unidade nacional no Brasil.

Havia sido gerado um tipo peculiar de nacionalismo percebido pela necessidade de conhecimento do país, Lima Barreto relata essa postura, no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) onde o protagonista Major Policarpo Quaresma chega a ser lembrado como um moderno Dom Quixote. Otimista ele não poupava esforços para cultivar e recuperar o que ele entendia como a verdadeira cultura nacional que incluía o cultivo de produtos agrícolas, resgate de canções, hábitos e até substituir a língua portuguesa pela língua indígena tupi.

O drama de Quaresma é o nacionalismo, o patriotismo e o esforço de valorização do nacional.

Em *Clara dos Anjos* (1922) , o protagonista Cassi Jones, um conquistador suburbano, não se sentia a vontade no centro do Rio de Janeiro, a cidade na era a sua, o engolia, aquele não era o mundo que conhecia e

dominava. Cassi Jones sentia que aquela gente que respirava ares modernos o fazia parecer sem significado:

Não gostava mesmo do centro. Implicava com aqueles elegantes que postavam nas esquinas e nas calçadas. Achava-os ridículos, exibindo luxo de bengalas, anéis e pulseiras de relógio. É verdade, pensava consigo, que ele usava tudo aquilo; mas era com modéstia, não se exibia. Recordava que não tinha posses, mas mesmo que as tivesse, não se daria a tal ridículo... Essa sua filosofia sobre elegância, de elegante suburbano, ele aplicava às moças.(BARRETO.1956. p.142)

Lima Barreto atua em um cenário privilegiado de mudanças que esse novo regime e as tendências modernizadoras trazem para o Brasil, ele escreve sobre as múltiplas possibilidades do real em espaços de representação trazendo uma reflexão sobre os aspectos da vida social e de toda problemática urbana.

Em seus romances também descreve o subúrbio carioca, sua população e seu modo de vida, além de fazer uma crítica a forma como o Estado age em relação a essa parcela do espaço urbano. O autor descreve o cotidiano do subúrbio, sua paisagem, a forma como as casas são construídas, o movimento das pessoas andando pelas ruas, o trem que leva os trabalhadores do subúrbio para o centro e a zona sul.

Ele crítica à falta de cuidado dos políticos com infraestrutura ou a falta dela nos subúrbios, chega a afirmar no romance Clara dos Anjos que o “*subúrbio é o lugar dos infelizes*”. Como neste fragmento que Lima Barreto descreve o subúrbio:

Os subúrbios do Rio de Janeiro são a mais curiosa coisa em matéria de edificação de cidade. A topografia do local, caprichosamente montanhosa, influi decerto para tal aspecto, mais influíram, porém os azares das construções. Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer, pode ser imaginado. As casas surgiram como se fossem semeadas ao vento, e conforme as casas as ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como boulevards e acabam estreitas que nem vielas; dão circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto com ódio tenaz e sagrado.(O triste fim de Policarpo Quaresma, p.86-87).

Neste fragmento podemos destacar as questões urbanas que demonstram como a expansão da cidade em direção ao subúrbio segregou espacialmente a população mais pobre, e como a ausência do Estado neste processo de expansão ocupação do subúrbio carioca lhe conferiu características específicas.

Lima Barreto escreveu romances que denunciavam a escravidão, criticam o ufanismo republicano e maneira como as mulheres eram educadas. Lessa (2001, p.224) nos fala que Lima Barreto em seus romances,

não se especializa nem é atraído pelos transgressores. Fala dos cinzentos e “não-folclorizáveis”, fala dos anônimos, que sustentam e mantêm viva a cidade. Fala com carinho e sem mistificação do povo dos subúrbios e do escalão humilde da pirâmide social.

Este aspecto aparece principalmente na obra Clara dos Anjos, onde Clara é vítima de sua condição de mulher, negra e pobre. É uma jovem mulata que se deixa perder por um homem de condição social superior e branco, o qual recusa o casamento. Neste livro ele descreve a formação da cidade, o papel dos meios de transporte na expansão urbana, destaca a segregação espacial reproduzida pelos bondes e trens.

A literatura de Lima Barreto nos fornece um olhar sobre a representação do escritor, nos dá uma expectativa do que poderia vir a ser real e posto como concreto. Através dos romances, uma forma específica de representação do espaço geográfico se coloca, de acordo com as vivências do autor dessa forma a cidade do Rio de Janeiro é composta por lugares como a periferia situada fora dos limites municipais.

As obras de Lima Barreto, principalmente Clara dos Anjos, possui uma longa descrição do subúrbio em um estado de abandono pelo poder público sendo uma forma de protesto por parte do autor que defende os moradores das favelas em seus textos.

Lima Barreto chamou atenção para situação dos moradores das favelas, fez uma campanha pela construção de habitações higiênicas, ele mostrava outra realidade a respeito dos moradores como pessoas honestas, trabalhadoras e solidárias.

Todos esses aspectos abordados nas obras de Lima Barreto contemplam o espaço urbano apresentam diversos aspectos da Geografia que podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem.

3.1 Sugestões de propostas práticas para aula de geografia

Apresento abaixo algumas propostas práticas que podem ser trabalhadas como projetos de ensino interdisciplinares, no Ensino Fundamental

II, cada módulo tem uma estrutura flexível, que permitiria o desenvolvimento do projeto no tempo que for adequado e de acordo com as possibilidades de articulação entre os docentes dos campos do conhecimento envolvidos.

A base de cada módulo é um texto (capítulos ou excertos de capítulos) da obra literária, escolhida em função de suas qualidades referente à articulação de conhecimento de natureza geográfica.

O primeiro passo do trabalho refere-se a contextualização do autor e da obra em referencia a seu espaço-tempo (suas circunstâncias geográficas) e sua inserção cultural (movimento intelectual da época) .

A seguir, discute-se a relevância do tema para atualidade, essas informações têm por objetivo subsidiar o professor para a construção da criticidade necessária ao uso de qualquer fonte ou ferramenta de ensino.

O próximo passo é a apresentação do texto-base, a partir do qual se propõe uma sequência didática concretizada em planos de aula referentes aos conhecimentos geográficos.

Enfim, esta proposta é uma sugestão, muitas outras aulas podem ser desenvolvidas, desdobrando-se criativamente aos aspectos inicialmente propostos ou inserindo-se novas abordagens. Da mesma forma, as estratégias didáticas e o aprofundamento dos conteúdos podem e devem ser adaptados, pelos professores, às realidades específicas de cada escola e sala de aula.

3.1.1 Estrutura dos módulos

a) O autor e a obra

Nesse item são apresentadas informações julgadas relevantes acerca da trajetória de vida e das concepções de homem e mundo do autor, sua inserção em algum estilo de época e as características fundamentais de seu estilo literário.

É apresentada uma visão de conjunto da temática abordada na obra, propiciando que professores e alunos, mesmo que não tendo tido ainda a oportunidade de lê-la integralmente, possam compreendê-la e contextualizar os trechos trabalhados.

b) O tema e a atualidade

Os temas selecionados permitem reflexões acerca de diversos aspectos da sociedade, cultura, homem e, enfim, do mundo contemporâneo. Isto porque

se referem a problemas que continuam a nos afligir, as questões que ainda não foram resolvidas ou, ainda, temas que, por sua natureza, refletem preocupações fundamentais inerentes ao ser humano.

Braudel(2004, p.17) aponta três caminhos para o trabalho de compreensão da atualidade, no âmbito do ensino: por um lado, a análise dos grandes problemas de hoje, em escala global (políticos, sociais, econômicos, culturais, técnicos, científicos, etc); no entanto, tais dias que vivemos explicam-se, em parte, pelos dias que os precederam imediatamente, ou seja, o passado relativamente próximo, por fim, considera que a atualidade também prolonga experiências muito afastadas no tempo.

c) Adequação para o ensino

Os temas propostos prestam-se ao trabalho nos últimos ciclos do ensino fundamental e médio, quando o estudante já atingiu um estágio de desenvolvimento cognitivo que lhe permite abstrações e construção de hipóteses, capacidades interessantes para potencializar o trabalho realizado a partir de obras literárias.

d) Objetivos gerais

Em função das características e qualidades dos textos literários selecionados, bem como da relação dos temas abordados com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, são definidos objetivos básicos que devem ser concretizadas pela sequência integrada de atividades desenvolvidas, e cada terá seus objetivos específicos definidos.

e) Texto-base

São transcritos trechos de obras selecionadas, a partir dos quais os alunos e professores trabalharão os temas propostos, ou ainda outros que se julgarem convenientes.

f) Sequência didática

O primeiro passo para efetivação do trabalho didático com uso da obra literária escolhida é a leitura e compreensão do texto em si, da articulação lógica das ideias, do significado das expressões e do sentido geral da proposta do autor. Isso propicia o exercício de construção ou reconstrução de texto, mas sem ainda aprofundamento nos conteúdos, conceitos e significados envolvidos. Para tanto, propõe-se que a abordagem primeira se dê no âmbito da Língua Portuguesa, o que abrirá caminho para o trabalho temático na Geografia.

Tal trabalho proposto é organizado em planos de aula que refere-se a um tema ou conjunto restrito de temas associados, e não implica nenhuma restrição de tempo em seu desenvolvimento, mas sim uma continuidade didática de trabalho com certos conteúdos. Pelo contrário, cada aula pode ser desenvolvida no tempo que forem necessárias, de acordo com as particularidades pedagógicas de cada situação de ensino.

Deve ser lembrado, no entanto, que é essencial aos professores compreender como se expressam a geograficidade dos textos trabalhados, ou seja, um trabalho prévio dos professores envolvidos no projeto no sentido da discussão dos textos selecionados e de suas possibilidades.

Sintetiza-se pelos conceitos de geograficidade, a concepção de que a articulação das categorias de espaço é fundamental para o entendimento de como as sociedades humanas constroem modos de ser, suas culturas, suas mentalidades coletivas, suas economias, sua organização social e política. Buscar a geograficidade significa apreender as circunstâncias espaço-temporais da existência humana.

g) Trabalho final interdisciplinar

Ao final do desenvolvimento das aulas, propõe-se um trabalho interdisciplinar, envolvendo Língua Portuguesa e Geografia, com ênfase na questão da atualidade do tema trabalhado. Ou seja, os alunos serão levados a se valer das reflexões efetuadas ao longo do módulo para analisar uma situação contemporânea e posicionar-se criticamente em relação às questões levantadas a partir dela.

3.2 Módulo 1(proposta prática) : O subúrbio do Rio de Janeiro, sua população e seu modo de vida em Clara dos Anjos, do Lima Barreto.

3.2.1 O autor e a obra

O romance Clara dos Anjos começa a ser escrito em 1904 nasceu da intenção do autor de escrever uma obra notável sobre a história da escravidão negra no Brasil.

Clara é vítima da sua condição de mulher, negra e pobre. A história é a mesma: a jovem mulata que se deixa perder por um rapaz de condição superior à sua, branco, o qual recusa o casamento para consertar o malfeito.

Lima Barreto descreve a formação da cidade, o papel dos meios de transporte na expansão urbana, destacando a segregação espacial reproduzida pelos bondes e trens. As habitações compõem o panorama que abriga os personagens do romance e entre os operários e outros cavalheiros citados, podemos reconhecer o tipo que representaria o anti-herói, o violeiro chamado Cassi Jones.

O Rio de Janeiro por onde percorrem o autor e seus personagens, espaço em transição de cidade colonial a cidade remodelada do século XX, é o cotidiano carioca que Lima Barreto representa em Clara dos Anjos.

O ambiente experienciado pelo autor literário, seus passeios de bonde pelos bairros da cidade em visitas a amigos, seu trajeto para o trabalho, fatos que marcam o seu cotidiano e as suas caminhadas pelas ruas do centro da cidade estão relatados por seus personagens.

O escritor Lima Barreto consome experiências, emoções, linguagem, memória e produz o texto, fruto de suas escolhas.

Podemos considerar, nessa perspectiva, Lima Barreto, sua escrita, de vanguarda, era apontada como autobiográfica demais por tratar de um universo pessoal, por abordar questões e dilemas próprios.

Clara dos Anjos fala sobre o racismo e a condição feminina, traz o Rio de Janeiro dos subúrbios abandonado pelo poder público com um transporte público precário e uma massa de população subempregada e desempregada a inchar as margens da linha férrea.

Esse era o Rio de Janeiro do cotidiano do escritor, morador do subúrbio, de família humilde que se dizia vítima do preconceito racial e lamentava não ver reconhecidas sua formação intelectual e capacidade produtiva.

Envolto em uma vanguarda literária de sua época - o naturalismo francês - e ainda na estética de influência marcada por Eça de Queirós, Lima Barreto procura captar o máximo de realidade e compor com o mínimo de ficção, elaborada em caricaturas e ironias, valorizando uma tônica confessional.

O romance que se passa no subúrbio carioca abriga histórias que estão no real concreto vivido pelo autor.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881. O pai era tipógrafo e a mãe, professora, morreu ainda jovem, acometida por

tuberculose quando Lima Barreto tinha entre seis e sete anos, sendo o autor o mais velho dos quatro irmãos.

3.2.2 O tema e sua atualidade

O contexto de Clara dos Anjos referente ao subúrbio permitirá observar grandes questões humanas que hoje se põem, como a vida as pessoas no subúrbio e que tipo de pessoas iremos encontrar nesta parte da cidade tão importante nos dias atuais.

3.2.3 Adequação para o ensino

A obra selecionada, ao permitir o trabalho com os temas da escravidão, subúrbio, elementos formadores da paisagem, cotidiano das pessoas e as mudanças na sociedade na cidade do Rio de Janeiro.

Em relação ao conhecimento geográfico, o que logo se assinala é a possibilidade de trabalho com as competências e habilidades relacionadas a leitura e representação geográfica do Rio de Janeiro, e de forma especial no que diz respeito a capacidade de reconhecimento e investigação dessa geografia do real a partir de uma fonte em que ela se representa em uma linguagem não geográfica(no sentido científico).

Por fim, permite-se o trabalho referente á contextualização sociocultural, também na perspectiva interdisciplinar, ou seja, de situar os subúrbios do Rio de Janeiro da época comparando com a atualidade permitindo o posicionamento crítico do aluno.

3.2.4 Objetivos gerais do módulo

Esse módulo desdobra-se em unidades didáticas fundamentadas em textos-base, cada qual enfocando temas específicos de Geografia. Os objetivos são:

- Compreender do texto literário, o enriquecimento do vocabulário e o exercício de produção de textos a partir de reflexões efetuadas sobre a obra.
- Contextualizar o autor e a obra em sua época, verificando as características de estilo literário.
- Produzir textos e resenhas.
- Compreender a situação do subúrbio tratado no texto como expressão das particularidades da conjuntura histórica do Rio de Janeiro, discutindo elementos caracterizadores dessa cidade.

- Compreender o conceito de subúrbio, comparando as características do subúrbio no início do século XX com atualmente.
- Descrever a cidade conforme Lima Barreto.
- Entender geograficamente o fenômeno da formação do subúrbio e desenvolver a capacidade de interpreta-lo por meio de uma abordagem literária.

3.2.5 Unidades didáticas

Texto-base da Unidade I

Excerto da abertura do livro

“A cidade do Rio de Janeiro é regularmente edificada. Não se infira daí que ela o seja conforme o estabelecido na teoria das perpendicularidades e oblíquas; antes se conclua que a cidade se tem erguido, acorde com a topografia do local onde se assentou e com as vicissitudes históricas que sofreu. Se não é regular com a estreita geometria de um agrimensor, é, entretanto, com as colinas que a distinguem e fazem-na formosa. Enquadra-se guarridamente nelas, explicando-as e continuando-as.

Ao nascer, no topo do Castelo, não foi mais do que um escolho branco surgindo num revoltado mar de bosques e brejos. Aumentando, desceu pela venerável colina abaixo; coleou-se pelas várzeas em ruas estreitas. A necessidade da defesa externa, de alguma forma, obrigou-as a ser assim e a polícia recíproca dos habitantes contra malfeitores prováveis fê-las continuar do mesmo modo, quando, de piratas, pouco se tinha a temer.

A quilombola e o corsário projetaram a cidade. Surpreendida coma descoberta das lavras de Minas, que fizeram dela entreposto, a velha São Sebastião aterrou apressada alguns brejos, para aumentar e espaiar-se, e todo o material foi-lhe útil para tal fim.

A população, preguiçosa de subir de novo morros, construiu sobre um solo de cisco e o rei Dom João veio descobrir praias e arredores cheios de encantos, cuja existência ingenuamente ignorava.

Uma cousa compensou a outra; e logo que a Corte quis firmar-se e tomar ares solenes...

Quem observa uma carta do Rio e tem de sua antiga topografia modestas notícias, define plenamente as preguiçosas sinuosidades de suas ruas e as imprevistas dilatações que elas oferecem.

Ali, uma ponta de montanhas empurrouas; aqui, um alagadiço dividiu-as em duas asinhas simétricas, deixando-o intacto à espera de um lento aterro.

Na fisionomia das casas esteriotipam-se as cousas da nossa história. Um observador amoroso e perspicaz não precisa ler, ao alto, a data entre os ornatos de estuque, para saber quando uma delas foi edificada. Esse casarão de dois andares que vemos na rua do Sabão ou da Alfândega, é dos primeiros quinze anos da Independência.

Vede-lhe a segurança afetada; a força demasiada das paredes, a valentia dos alicerces que se advinha... Quem a fez, sabia das luta do Primeiro Reinado, vinha seguro de possuir uma terra sua para viver a vida eterna da descendência.

O tráfico de escravos imprimiu ao Valongo e aos morros da Saúde alguma cousa de cubata africana, e a tristeza do cais dos Mineiros é saudade das ricas faluas que não chegam mais a Inhomirim e da Estrela, pejudadas de mercadorias.

O bonde, porém, perturbou essa metódica superposição de camadas. Hoje, o geólogo de cidades atormenta-se com o aspecto transtornado dos bairros. Não há mais terrenos paralelos; as estratificações inclinam-se; os depósitos baralham-se; e a divisão da riqueza e novas instituições sociais ajudam o bonde nesse trabalho platônico.

No entanto, este veículo alastra a cidade; cria na ponta de seus trilhos núcleos de condensação urbana. Onde ele chega, desenha-se uma venda, surge um botequim, um quiosque; em torno, edificam-se casebres. Ondulações concêntricas a esse núcleo encontram as de outro próximo, dando nascimento a uma travessa mal povoada, tristonha, esquecida das autoridades municipais, e que vive anarquicamente, fora de toda a espécie de legislação, a poucas centenas de metros de outras, apertadas num cinto de posturas.

Por elas, o capim medra viril e orgulhoso; os cabritos desembaraçadamente pastam; as lavadeiras sem cerimônia coram as roupas; e as poucas casas que há, hesitam entre a casa e o casebre e dão-se ao luxo de ter jardim na frente.

As casas em geral isoladas, separadas umas das outras, por cercas de espinheiros ou bambús; mas, às vezes, juntam-se em grupo, cavalgam-se umas às outras, de jeito que, quem as vê, considera a extensão de terra e a muita que por aqueles lugares sobra.

A população que as povoa é heteroeclética. Na generalidade, operários e pequenos empregados; mas, se algum descuidado se aventura por uma dessas travessas adentro, surpreender-se-á sem razão ao cruzar com algum elegante da rua do Ouvidor.

Cavalheiros de extraordinária exuberância amorosa, e de apoucados rendimentos, resolvem o problema de sua natureza, gastando com a família o mínimo, num desses corredores, e o máximo, nos alfaiates e aperitivos platônicos com as cocotes nas confeitarias.”

(Barreto, 1995)

Sequência didática

Aspectos do conhecimento geográfico

Na obra estudada fica também explícita a cidade, colocada como endereço da população, representa a concretização espacial de um modo de ser. O Rio de Janeiro descrito por Lima Barreto é uma realidade espacial concreta porque o que se vê e se descreve é produto da transformação e um complexa reunião espacial de heranças históricos.

Aula 1

Rio de Janeiro: espaço em transição de cidade colonial a cidade remodelada do século XX

Objetivo: Analisar a transição de cidade colonial a cidade remodelada.

Sequência de conteúdos

- A cidade como espaço de transição de cidade colonial a cidade remodelada.
- Cotidiano e paisagem do Rio de Janeiro

Orientações didáticas

Uma primeira atividade referente a mobilização de conhecimento prévio pode se dar no sentido de solicitar aos alunos que exponham suas impressões sobre a vida na cidades e a vida no campo, tomadas de experiências pessoais ou adquiridas indiretamente.

Passa-se então ao texto onde devem ser identificadas as características da paisagem do Rio de Janeiro e as mudanças da cidade colonial para cidade remodelada.

Avaliação

Propõe-se uma produção escrita para que o aluno expresse todas as suas observações.

3.3 Módulo 2: O pensamento geográfico na obra Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto

3.3.1 O autor e a obra

Triste Fim de Policarpo Quaresma foi publicado em folhetim em 1911, ganhando uma versão em livro em 1915. Esse romance é um dos herdeiros do Naturalismo, preocupando-se em apresentar uma sátira do Brasil oficial, analisado sob a ótica de um patriota exaltado – o major Quaresma. A narração pauta-se na vida de um modesto funcionário público, em três estágios diferentes, correspondentes, mais ou menos, às três partes da obra: a sua vida como funcionário público; as suas aventuras enquanto proprietário rural; e, por fim, a sua vida como soldado voluntário da Revolta da Armada, de 1893. Paralelamente ao destino de Policarpo Quaresma, o romance também enfoca o universo fluminense em três níveis diferentes e complementares: a vida simples do subúrbio da capital; o cotidiano familiar e político da zona rural; e a atmosfera política da Primeira República.

3.3.2 O tema e sua atualidade

O contexto Triste Fim de Policarpo Quaresma auxilia na compreensão do contexto político da época retrata e suas influências atualmente.

3.3.3 Adequação para o ensino

A obra selecionada, ao permitir o trabalho com os temas referente a questões política, a formação de seu ideário pré-modernista, a denúncia contra o preconceito racial elementos formadores da paisagem, cotidiano das pessoas e as mudanças na sociedade na cidade do Rio de Janeiro.

Em relação ao conhecimento geográfico, o que logo se assinala é a possibilidade de trabalho com as competências e habilidades relacionadas a leitura e representação geográfica do Rio de Janeiro, e de forma especial no que diz respeito a capacidade de reconhecimento e investigação dessa geograficidade do real a partir de uma fonte em que ela se representa em uma linguagem não geográfica(no sentido científico).

Através desta obra podemos trabalhar a Formação Territorial do Brasil facilitando a compreensão do aluno referente as mudanças no território brasileiro.

Por fim, permite-se o trabalho referente á contextualização sociocultural, também na perspectiva interdisciplinar, ou seja, de situar a situação política da época comparando com a atualidade permitindo o posicionamento crítico do aluno.

3.3.4 Objetivos gerais do módulo

Esse módulo desdobra-se em unidades didáticas fundamentadas em textos-base, cada qual enfocando temas específicos de Geografia. Os objetivos são:

- Compreender do texto literário, o enriquecimento do vocabulário e o exercício de produção de textos a partir de reflexões efetuadas sobre a obra.
- Contextualizar o autor e a obra em sua época, verificando as características de estilo literário.
- Produzir textos e resenhas.
- Compreender a situação política tratado no texto como expressão das particularidades da conjuntura histórica do Rio de Janeiro, discutindo elementos caracterizadores dessa cidade.
- Descrever a cidade conforme Lima Barreto.
- Compreender a formação territorial do Brasil através da obra.

3.3.5 Unidades didáticas

Texto-base da Unidade I

Excerto do capítulo IV

“Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma — usando do direito que lhe confere a Constituição,

vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal — controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica.

Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômulo de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade P. e E. deferimento”. (Barreto, 2011)

Excerto do capítulo I

“Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente míngua, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas.

Ricardo, depois de ser poeta e o cantor dessa curiosa aristocracia, extravasou e passou à cidade, propriamente. A sua fama já chegava a São Cristóvão e em breve (ele o esperava) Botafogo convidá-lo-ia, pois os jornais já falavam no seu nome e discutiam o alcance de sua obra e da sua poética...

Mas que vinha ele fazer ali, na casa de pessoa de propósitos tão altos e tão severos hábitos? Não é difícil atinar. Decerto, não vinha auxiliar o major nos

seus estudos de geologia, de poética, de mineralogia e história brasileiras.

Como bem supôs a vizinhança, o Coração dos Outros vinha ali tão somente ensinar o major a cantar modinhas e a tocar violão, Nada mais, e é simples.

De acordo com a sua paixão dominante, Quaresma estivera muito tempo a meditar qual seria a expressão poética musical característica da alma nacional.

Consultou historiadores, cronistas e filósofos e adquiriu certeza que era a modinha acompanhada pelo violão. Seguro dessa verdade, não teve dúvidas: tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha.

Estava nisso tudo, mas procurou saber quem era o primeiro executor da cidade e tomou lições com ele. O seu fim era disciplinar a modinha e tirar dela um forte motivo original de arte.

Ricardo vinha justamente dar-lhe lição, mas, antes disso, por convite especial do discípulo, ia compartilhar o seu jantar; e fora por isso que o famoso trovador chegou mais cedo à casa do subsecretário.” (Barreto, 2011)

Excerto do capítulo II

“O passeio era demorado e filosófico. Conversando com o preto Anastácio, que lhe servia há trinta anos, sobre coisas antigas — o casamento das princesas, a quebra do Souto e outras — o major continuava com o pensamento preso aos problemas que o preocupavam ultimamente. Após uma hora ou menos, voltava à biblioteca e mergulhava nas revistas do Instituto Histórico, no Fernão Cardim, nas cartas de Nóbrega, nos anais da Biblioteca, no von den Stein e tomava notas sobre notas, guardando-as numa pequena pasta ao lado. Estudava os índios, Não fica bem dizer estudava, porque já o fizera há tempos, não só no tocante à língua, que já quase falava, como também nos simples aspectos etnográficos e antropológicos. Recordava (é melhor dizer assim), afirmava certas noções dos seus estudos anteriores, visto estar organizando um sistema de cerimônias e festas que se baseasse nos costumes dos nossos silvícolas e abrangesse todas as relações sociais.

Para bem se compreender o motivo disso, é preciso não esquecer que o major, depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões,

chegava agora ao período da frutificação. A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e o seu grande amor à Pátria eram agora ativos e impeliram-no a grandes cometimentos. Ele sentia dentro de si impulsos imperiosos de agir, de obrar e de concretizar suas idéias. Eram pequenos melhoramentos, simples toques, porque em si mesma (era a sua opinião), a grande Pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra.

Tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira, mais inteligente e mais doce do mundo — o que precisava mais? Tempo e um pouco de originalidade.

Portanto, dúvidas não flutuavam mais no seu espírito, mas no que se referia à originalidade de costumes e usanças, não se tinham elas dissipado, antes se transformaram em certeza após tomar parte na folia do "Tangolomango", numa festa que o general dera em casa.

Caso foi que a visita do Ricardo e do seu violão ao bravo militar veio

despertar no general e na família um gosto pelas festanças, cantigas e hábitos genuinamente nacionais, como se diz por aí. Houve em todos um desejo de sentir, de sonhar, de poetar à maneira popular dos velhos tempos. Albernaz, o general, lembrava-se de ter visto tais cerimônias na sua infância: Dona Maricota, sua mulher, até ainda se lembrava de uns versos de Reis; e os seus filhos, cinco moças e um rapaz, viram na coisa um pretexto de festas e, portanto, aplaudiram o entusiasmo dos progenitores. A modinha era pouco; os seus espíritos pediam coisa mais plebéia, mais característica e extravagante.

Quaresma ficou encantado, quando Albernaz falou em organizar uma chegada, à moda do Norte, por ocasião do aniversário de sua praça. Em casa do general era assim: qualquer aniversário tinha a sua festa, de forma que havia bem umas trinta por ano, não contando domingos, dias feriados e santificados em que se dançava também.

O major pensara até ali pouco nessas coisas de festas e danças tradicionais, entretanto viu logo a significação altamente patriótica do intento. Aprovou e animou o vizinho. Mas quem havia de ensaiar, de dar os versos e a música? Alguém lembrou a tia Maria Rita, uma preta velha, que morava em Benfica, antiga lavadeira da família Albernaz. Lá

foram os dois, o General Albernaz e o Major Quaresma, alegres, apressados, por uma linda e cristalina tarde de abril.” (Barreto, 2011)

Sequência didática

Aspectos do conhecimento geográfico

Na obra estudada fica também explícita aspectos da formação territorial do Brasil, bem como as questões políticas da época retratada.

Formação Territorial do Brasil através do Triste Fim de Policarpo Quaresma

Objetivo: Analisar os aspectos da formação territorial brasileira explicitas no texto estudado.

Compreender as questões políticas da época retratadas no texto.

Sequência de conteúdos

- Formação Territorial do Brasil
- Questões políticas do século XX.
- Cotidiano e paisagem do Rio de Janeiro

Orientações didáticas

Uma primeira atividade referente á mobilização de conhecimento prévio pode se dar no sentido de solicitar aos alunos que exponham suas impressões sobre a vida nas cidades e a vida no campo, tomadas de experiências pessoais ou adquiridas indiretamente.

Passa-se então ao texto onde devem ser identificadas as características da paisagem do Rio de Janeiro, aspectos políticos e da formação territorial.

Avaliação

Propõe-se uma produção escrita para que o aluno expresse todas as suas observações acerca do texto fazendo relação com o conteúdo trabalhado.

Os dois exemplos citados acima, que poderiam acompanhar-se de muitos outros, mostram caminhos para filtrar-se e colocar-se em evidência a geograficidade presente nas obras literárias, que é o passo fundamental para possibilitar o uso da literatura como ferramenta de ensino nas aulas de fundamental II e médio.

Considerações Finais

Acredito que o uso da literatura no Ensino de Geografia permite ao aluno realizar interpretações sobre determinados assuntos e espero que com a utilização desse recurso os alunos consigam relacionar os fatos apresentados em Geografia com as outras áreas do conhecimento, que tenham a noção de que o espaço geográfico é construído por todos nós nas nossas praticas diárias e que ele vive isso cotidianamente, construindo e reconstruindo a cada ação o lugar onde vive, trabalha, estuda e se diverte.

Através deste estudo foi apresentado a possibilidade de trabalhar a Literatura e a Geografia juntas salientando que a Literatura auxilia os geógrafos uma vez que apresenta um cenário repleto de descrições sobre o lugar que podem ser explorados pela Geografia. Por outro lado, um texto escrito substitui os elementos cênicos pela descrição, através dele o leitor visualiza, pela imaginação, os acontecimentos narrados tanto dos aspectos físicos e psicológicos das personagens como do espaço em que está inserido permitindo uma maior compreensão da narrativa, o que nos leva a perceber que a contribuição de uma para com a outra possibilita a realização de um trabalho em conjunto em sala de aula que venha ao encontro do interesse de ambas.

A relação entre literatura de Lima Barreto e geografia pode ampliar as possibilidades de interpretação do espaço geográfico do Rio de Janeiro e mais especificamente a formação da periferia relatada por este autor em suas obras desenvolvendo no aluno, vínculos com a Literatura e fortalecer o processo de ensino-aprendizagem.

A Literatura, portanto, é capaz de mostrar os aspectos culturais, sociais e econômicos de uma determinada sociedade, além de descrever o espaço e os aspectos da paisagem sendo assim a análise geográfica da obra de Lima Barreto relevante.

São duas leituras que se complementam, com a literatura traduzindo o essencial das relações homem e espaço e a geografia subsidiando a interpretação dos textos literários que abordam o espaço trabalhado no contexto do aluno.

As alternativas de transposição dos múltiplos conhecimentos trazidos para o contexto escolar passam a ser um recurso didático-pedagógico nas salas de aulas de relevância tal que, em alguns casos, parecem transformar as atividades desenvolvidas pelo professor/geógrafo com seus alunos em prazeres e vivências fantásticas.

O aluno pode, através da literatura, questionar a realidade e compreendê-la nas suas diferentes formas e fenômenos e como estão relacionados entre si.

Quem escreve um texto, escreve de algum lugar e por alguma razão, portanto traz algo de sua realidade, está inserida em um contexto. Assim, “aprendendo a ler”, o aluno passará a perceber esses contextos evidenciando-os através de instrumentos do seu cotidiano. Dessa forma, será possível entender o mundo que o cerca, a dinâmica sócio-política, os conflitos, as mudanças, entre outras questões.

A literatura pode, então, ser um grande apoio, já que através de suas representações permite ao aluno fazer interpretações sobre diversos assuntos relacionados com os mais diversos conteúdos da Geografia.

Referências Bibliográficas

Antônio C.; CALLAI, Helena C.; KAERCHER, Nestor A.. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 83-131.

A. C.; CALLAI, H.C.; SHÄFFER, N.O.; KAERCHER, N.A.; (Orgs) Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 1998.

BAKHTIN, M. Questões de Literatura e Estética. São Paulo: Hucitec, 1993.

BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas. Espaço e Cultura nº 5 Jan/Jun Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

BROCA, Brito. A vida literária no Brasil - 1900. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

BARRETO, LIMA. Clara dos Anjos. Clássicos Scipione. 2 ed. São Paulo: Scipione.2005.

BARRETO, LIMA. O Triste fim de Policarpo Quaresma. Série Clássicos da Literatura. Editorial Sol90. Barcelona. Espanha. 2004

BOVO, Marcos Clair. Interdisciplinaridade e Transversalidade como dimensões da ação pedagógica. *In* Revista Urutúgua. Quadrimestral.Nº.7, Ago/Set/Out/Nov. Maringá, Paraná.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia / Secretária de Educação Fundamental. -Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino médio, vol. 4. Ciências Humanas e suas tecnologias Brasília: MEC/SEF, 1999.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.).*Literatura, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

_____. O Romance: outro sujeito para a Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.).*Literatura, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

CASTOLDI, R; POLINARSKI, C. A. A utilização de Recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem. In: II SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIENCIA E TECNOLOGIA. Ponta Grossa, PR, 2009.

CALLAI, H. C. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, E.; MORAES, L. *Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia*. Goiânia: Nepeg, 2010. p. 15-38

CASTELLAR, S. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, E.; MORAES, L. *Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia*. Goiânia: Nepeg, 2010. p. 39-58.

CANDIDO, A. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanistas, 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e Diversidade - construção de conhecimentos geográficos escolares e a atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sônia. *Educação Geográfica; Teoria e Práticas Docentes*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. et al. (Org.). *Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998.

CANDIDO, Antonio, *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1967.

CALLAI, Copetti Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos & outros (org). *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2009, 7 ed. Cap 2. p 83- 134.

ESCOLANO, A. C. M; MARQUES, E. de. M; BRITO, R.R. de. Utilização de recursos didáticos facilitadores do processo ensino aprendizagem em ciências e biologia nas escolas públicas da cidade de Ilha Solteira/SP. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO, TRABALHO E CONHECIMENTO: DESAFIO DOS NOVOS TEMPOS. Ponta Grossa, PR, 2010

FREITAS, O. Equipamentos e materiais didáticos. / Olga Freitas. - Brasília : Universidade de Brasília, 2007. 132 p. ISBN: 978-85-230-0979-3

KARLING, A.A. (1991), *A didática necessária*, São Paulo, Ibrasa.

KIMURA, Shoko. Caminhos geográficos traçados na literatura: uma leitura didática. *Revista Geografia e Ensino*, Belo Horizonte, ano 8, n.1, p.131-139, jan./dez. 2002

LINS, O. (1976) “Espaço romanesco”, “Espaço romanesco e ambientação” e “Espaço romanesco e suas funções”. In: _____. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ática, p.62-110.

MARANDOLA JR, Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. In Anais do Primeiro Congresso de História do Pensamento Geográfico. Universidade Federal de Uberlândia, 28 a 30 de Abril de 2008.

MIRANDA, N. S. Língua materna no primeiro grau: reflexivo e prática. Juiz de Fora: UFJF, 1986.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em obras romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MOTA E SILVA, Janaina de Alencar. *Geografia, Literatura e o Estudo da Cidade*. Disponível em www.igeo.uerj.br, acesso em junho de 2013.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). Para onde vai o ensino da geografia? 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 1998. 114p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. História do Material Didático UFMG / CNPq / FAPEMIG)

PECHMAN, Robert Moses (org.). Olhares sobre a cidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994

PESAVENTO, Sandra Jatthy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002.

RUTZ, S. Recursos de Ensino Aprendizagem. Ensino de Física. DEFIS - UPEG. Disponível em http://www.ceismael.com.br/oratoria/recursos_audiovisuais.pdf Acesso em 19/03/2013.

RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões culturais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro, jul. 1949, p.327-332.

SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: “INFANCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS”. Maringá, PR, 2007

SILVA, Dilsom Barros da. BARBOSA, Vilma de Lurdes. A Literatura de Cordel no Ensino da Geografia. Anais/Catálogo de Resumos do IX Encontro de Extensão Universitária. Desafios da indissociabilidade entre ensino e extensão. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

SILVA & MELO. Entre a Teoria e a Prática: o Ensino de Geografia nas Escolas. In: Anais ...VI ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA: Fala Professor – Concepções e fazeres da Geografia na Educação: Diversidades em perspectivas. Realizado em 23 a 27 de Julho de 2007. Uberlândia/ MG.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (trad.Lívia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado; SEVERO, Ione dos Santos (organizadoras). Nas Trilhas do Popular. Literatura e Educação. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2006. 113p.

ZÓBOLI, Graziella. Práticas de ensino: subsídios para a atividade docente. São Paulo: Ática, 1998. 149p.